

---

## ITINERÁRIO DE BANDEIRA

poeta, cronista, crítico e tradutor

*Por Murilo Marcondes de Moura\**

É fácil imaginar o valor de um acompanhamento crítico quase cotidiano do movimento literário e artístico das décadas de 1920 a 1940, provavelmente o período mais rico de toda a história da cultura brasileira. Para tentar uma fórmula sintética: esta riqueza consistiu na associação de uma enorme liberdade es-tética à visão crítica mais empenhada. Esse valor se multiplica quando tal acompanhamento provém de um dos maiores protagonistas do período Manuel Bandeira, que foi, de modo superlativo, criador e in-terprete, poeta e fino observador da poesia e das artes em geral.

De alguma forma, essas duas instâncias, a da criação e a da crítica, nasceram juntas no jovem Manuel Bandeira, retirado da vida prática pela tuberculose e, por assim dizer, constrangido à vida contemplativa de poeta e de estudioso. Como ele próprio afirma no Itinerário de Pasárgada, isto é, entre o momento em que adoeceu, 1904 e o ano em que publicou seu primeiro livro, A cinza das horas (1917): “Foi nesses treze anos que tomei consciência de minhas limitações, nesses treze anos que formei a minha técnica”.

Desse período de aprendizagem, nós, leitores, só conhecemos o resultado, já profundamente depurado, mas podemos especular sobre os esforços do jovem poeta. Para ele, escrever pressupunha a leitura dos grandes mestres, a observação minuciosa de como eles resolveram questões técnicas ou buscaram adequação entre assunto e linguagem, entre experiência e forma. Nesses estudos, com certeza o jovem Bandeira deve ter efetuado também as suas primeiras antologias, selecionando imagens, versos, poemas inteiros, decompondo-os pacientemente e comparando-os aos da própria lavra. É de se supor, ainda, que tais leituras tenham sido acompanhadas do estudo sistemático de línguas, de história e biografias, da aproximação progressiva à linguagem das diferentes artes. Trata-se, portanto, da construção paciente de um repertório de ideias e de técnicas, da decantação do olhar seletivo que nele viria a ser quase infalível. Trata-se, na verdade, da formação do gosto, conduzida de modo muito pessoal, solitário mesmo, distante do brilho imediato, e enraizando-se num modo de ver íntimo, que, uma vez expresso, traz consigo a marca de autenticidade.

No início dos anos 1920, se o poeta já tinha constituído o seu modo de ver, este agora seria enriquecido enormemente, convém lembrar, pela emergência do movimento modernista. O posicionamento diante do modernismo exigiu muito de Manuel Bandeira, homem culto e artista já amadurecido, mas talvez confinado a um individualismo entre sofrido e aristocrático. O modernismo lhe ofereceu um campo de atuação vastíssimo, que variava da expressão mais sutil e esquiva da experiência íntima até a necessidade de compreender as manifestações variadas e contraditórias do país. Manuel Bandeira soube acolher de modo muito pessoal essas propostas, mas o simples fato de ter que se abrir para elas já foi suficiente para transformá-lo. É no diálogo com o modernismo que Manuel Bandeira se consolida como poeta e intelectual.

### **cronista de mão-cheia**

É justamente desse lugar complexo que o poeta vai escrever as crônicas reunidas nos três volumes até aqui editados pela Cosac Naify, sob a supervisão de Júlio Castañon Guimarães, abrangendo o período entre os anos 1920 e 1940. Crônicas da província do Brasil, editado originalmente em 1937, provavelmente compõem o volume mais precioso, no sentido inclusive de um arranjo meditado e equilibrado, entre o registro do cotidiano, a

perspectiva histórica e a reflexão estética. Mas os outros dois volumes, que reúnem textos até aqui inéditos em livro, são igualmente essenciais e imprescindíveis. Exemplifiquemos com passagens do segundo desses volumes, o mais recente deles, que reúne crônicas escritas entre 1930 e 1944.

Num primeiro momento, o próprio escritor parece rebaixar os seus textos, associando-os ao “registro de impressão rápida”, a “simples impressões”, a “papo ou lero-lero de poeta lírico”, justificando-se pela própria quantidade excessiva de publicações (no caso das crônicas relativas a livros): “Nunca foi tão intenso entre nós o mercado editorial”. Em outra passagem, porém, considera entre as “qualidades que fazem o bom cronista”, a “vivacidade, agilidade, espírito de observação e de síntese rápida”. O fato é que acreditava que a crônica, com sua rapidez e cotidianidade, como também com seu tom de conversa despreziosa, mas “impregnada de vida”, podia ser capaz de surpreender o núcleo dos assuntos em pauta. “Há muita poesia no lugar-comum”, afirma. Procedendo como o próprio cronista-poeta, podemos selecionar uma série de passagens “fortes”, colhidas ao acaso do fluxo aparentemente esgarçado das ideias: “Afinal a poesia não será um circunlóquio de imagens para exprimir uma emoção vaga ou sutil sem nome nos vocabulários?”; “Ora, tudo o que peço à poesia, é ver com aqueles olhos perdidos da infância as coisas mais cotidianas”; “Não há palavras simpáticas e antipáticas, simples ou pretensiosas, bonitas ou feias: as palavras são como as cores e valem pelas relações em que estão com as palavras vizinhas”. Há igualmente textos inteiros, mais ambiciosos e de grande importância, como aqueles sobre Alphonsus de Guimaraens e sobre “Machado de Assis, poeta”, este não por acaso escolhido para abrir o volume das poesias completas do grande romancista.

As crônicas sobre arte cobrem um amplo conjunto de artistas, desde consagrados como Aleijadinho, Lasar Segall, Portinari, Guignard e Cícero Dias, até os menos conhecidos, mas que tiveram suas obras expostas em museus ou galerias; são também objeto de crônicas algumas exposições, avulsas mas muito significativas, como a de Maria Helena Vieira da Silva. Aleijadinho é considerado o “maior gênio plástico aparecido entre nós”, valoração que Bandeira, já inteiramente modernista, compartilhava com Mário de Andrade e com o Oswald de Andrade dos “magníficos versos” do poema “Ocaso”. Sobre arte há formulações lapidares. Após criticar as aquarelas “inofensivas” de um artista, afirma categórico que “a boa arte é sempre uma agressão”.

Outro dado essencial dessas crônicas, e normalmente menos observado em Bandeira, é a atenção angustiada do escritor para “o grande drama universal do momento que vivemos”, para “a feroz realidade criada pela Europa capitalista”. Que sirva de exemplo uma passagem excepcional: “Estou em completo desacordo com Odilon Nestor quando ao fim do ensaio cita como nunca ‘assaz citadas’ as palavras de Goethe: ‘Que haverá de mais sagrado, mais humano, mais nobre do que a luta por nossa pátria?’ A resposta é fácil: a luta pela abolição da ideia de pátria como ainda persiste capeando concorrências econômicas implacáveis e levando os povos à guerra e a civilização à ruína”. Não poderia haver resposta mais aguda, sobretudo em 1933.

### **a poesia dos outros**

Em 1945, saía a primeira edição de Apresentação da poesia brasileira, ensaio longo seguido de uma antologia abrangente de nossa poesia, das origens ao tempo do próprio poeta. Tratava-se de uma encomenda, como o próprio Bandeira nos adverte: “livrinho escrito especialmente para os mexicanos”, fato que certamente terá tido alguma influência no arranjo do ensaio e na escolha de alguns poemas. Mas é fato também que o livro teve ótima fortuna entre nós mesmos, pois vinha suprir uma lacuna que aliás ainda persiste, a de estudos históricos e panorâmicos da nossa poesia. A atual edição da Cosac Naify está muito bem cuidada, o texto e os poemas rigorosamente revisados, acrescida ainda de inúmeras e oportunas ilustrações extraídas do acervo de José Mindlin.

Nesse livro, o poeta reuniu algumas de suas atividades prediletas: a de estudioso de poéticas, a de

organizador de antologias, a de professor. Num primeiro momento, a perspectiva adotada é a da historiografia romântica, cujo critério maior é o da nacionalidade; nossa poesia colonial, por exemplo, seria válida sobre-tudo como antecipatória, isto é, pelos “sentimentos nativistas” que porventura já apresenta. Nota-se, porém, que desse esquema estreito o poeta recolheu apenas uma visão de contorno, uma espécie de enredo muito geral, a todo instante relativizado pelos comentários vívidos e concretos que propõe sobre os autores e as obras. Nesse sentido, o resultado ainda convence, mesmo porque tudo é apresentado numa prosa sempre saborosa e elegante, em que os poetas são caracteri-zados sucintamente e com precisão, embora algumas vezes de modo a despertar polêmicas. Exemplos: “Gregório de Matos não foi um grande poeta, mas era uma personalidade forte, a primeira que assim se afirmava no Brasil”; as “invenções” de Sousândrade, “frequentemente de duvidoso gosto aliás, pouco ajudam a suportar o fluxo do mais enfadonho estilo discursivo romântico”; Castro Alves é “a maior força verbal e a inspiração mais generosa de toda a poesia brasileira”.

Os poemas escolhidos, os poemas omitidos, assim como algumas ausências na antologia, ainda que de autores comentados no ensaio, também geraram polêmicas desde a primeira edição do livro. Oswald de Andrade, por exemplo, sentiu-se boicotado ao ser “eliminado” da antologia e não houve jeito de consolá-lo. “Pois Oswald ficou despeitado e nunca mais foi o mesmo para mim”, relata numa crônica o próprio Manuel Bandeira, acrescentando: “Não houve explicação que o satisfizesse. Quem não quiser fazer desafetos, comece não fazendo antologias”.

Entre os críticos de primeira hora estava Antonio Candido, cujo artigo provocou Bandeira a escrever-lhe uma carta maravilhosa (de 11/03/1946), em que explica demoradamente seu gosto em organizar antologias, da obra própria e da alheia, e as dificuldades insuperáveis dessa atividade. Em dado momento, escreve: “Sou autor de várias antologias e afinal ainda não fiz uma que fosse verdadeiramente a minha antologia, uma antologia que fosse ferozmente individual, e que eu faria para levar à clássica ilha. Esta seria em grande parte formada de estrofes de poesia e até de versos isolados”. Em outro momento, o poeta faria outra declaração igualmente preciosa: “Todo grande verso é um poema completo dentro do poema”.

### **teatro em verso**

As atividades de Bandeira tradutor certamente têm a ver com esse apego à minúcia, à valorização daquilo que ele denominava de “pequeninhas nadas”, como os “valores plásticos e musicais dos fonemas”. Famosas são as suas traduções de Hölderlin, elogiadíssimas por Otto Maria Carpeaux, especialmente a do fundamental poema “Metade da vida”. É preciso lembrar que quando Manuel Bandeira nomeia o seu livro de 1952 de Opus 10, tratando-o, portanto, como o seu décimo livro, a contagem só dá certo se considerarmos o livro Poemas traduzidos; em outras palavras, o poeta julgava a sua atividade de tradução equivalente à de criação.

Bandeira também traduziu “teatro em verso”, conforme consta nas suas obras completas de 1958. Ali vinham reunidos o Auto Sacramental do Divino Narciso, da mexicana Sórora Juana Inés de la Cruz (antecedido de um breve, mas ótimo estudo); Maria Stuart, de Friedrich Schiller; e Macbeth, de William Shakespeare, agora relançado pela Cosac Naify, que já havia publicado em 2002 a tradução até então inédita de O círculo de giz caucasiano, de Brecht. A propósito desta última tradução, o poeta afirmou: “Um dos maiores gozos intelectuais que já me proporcionou a minha atividade de tradutor. O mesmo gozo que tive traduzindo o Macbeth de Shakespeare”

Mais um aspecto para se pensar acerca da amplitude de gosto e de visão de Bandeira: poeta lírico por excelência, dispôs-se a lidar com textos dramáticos de diferentes épocas e tons. Na nota à tradução de Macbeth, apesar de brevíssima, observa-se a postura de sempre: seriedade intelectual e faro estético infalível. Não nos é

informado porque precisamente a peça Macbeth foi escolhida para ser traduzida, embora se leia a seguinte apreciação: “senão a mais profunda, a mais sinistra e sanguinária tragédia do autor” No final, uma observação típica de nosso poeta, elogiando a peça de uma perspectiva seletiva: “Uma antologia que se fizesse das expressões, imagens e conceitos profundos ou originais que enriquecem a obra de Shakespeare, haveria que incluir muita coisa de Macbeth.”

---

\*Murilo Marcondes de Moura é professor de  
Literatura Brasileira da FFLCH-USP